

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Eduardo Nogueira Silva

**A prática da natação como forma de prevenção ao afogamento em uma escola de
natação em Goiânia**

Goiânia

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Eduardo Nogueira Silva

Título do trabalho: A prática da natação como forma de prevenção ao afogamento em uma escola de natação em Goiânia

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Dea**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/02/2024, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Nogueira Silva**, **Discente**, em 01/02/2024, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_ace_sso_externo=0, informando o código verificador **4354206** e o código CRC **6C49A8B4**.

Eduardo Nogueira Silva

A prática da natação como forma de prevenção ao afogamento em uma escola de natação em Goiânia

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nogueira Silva, Eduardo

A prática da natação como forma de prevenção ao afogamento em uma escola de natação de Goiânia [manuscrito] / Eduardo Nogueira Silva. - 2024.

LIII, 53 f.

Orientador: Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade

Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2024.

Anexos. Apêndice.

Inclui lista de figuras.

1. Afogamento. 2. Educação Física. 3. Prevenção. 4. Natação. I. Helena Santana Dalla Déa, Vanessa , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E
DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **19/01/2024**, às **08 horas**, de forma **presencial**, na **sala de reuniões da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“A prática da natação como forma de prevenção ao afogamento em uma escola de natação em Goiânia”**, de autoria de **Eduardo Nogueira Silva**, do curso de **Educação Física - Bacharelado**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa - orientadora FEPD/UFG**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Glauber Henrique de Almeida** e **Prof. Me. Vicente Paulo Batista Dalla Déa**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,5 (nove vírgula cinco)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Dea**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/02/2024, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **VICENDE PAULO BADISDA DALLA DEA**, **Usuário Externo**, em 01/02/2024, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauber Henrique De Almeida Souza**, **Usuário Externo**, em 01/02/2024, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&i_d_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4354205** e o código CRC **B974E48D**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me incentivaram em todo o processo de elaboração deste trabalho e por sempre se empenharem em me proporcionar um ensino de qualidade durante toda a minha escolarização, como também pelo companheirismo e amor que me fizeram crescer como pessoa e como formando.

À minha orientadora pela paciência e oportunidade de compartilhar comigo seu extenso conhecimento, além de se disponibilizar em inúmeros momentos para correções e conselhos no meu processo de escrita, o qual guiou o meu aprendizado sobre a área da natação me permitindo aperfeiçoar o meu conhecimento e expor uma melhor versão na minha monografia e formação profissional.

Ao meu amigo Alexandre e à minha irmã Camila, que contribuíram na revisão de todo o trabalho e fizeram deste um momento muito mais especial para minha vida.

Ao meu sobrinho Noah, cujo nascimento me incentivou e cujo “companheirismo” ao longo do trabalho certamente teve impacto na minha formação acadêmica.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal avaliar de qual maneira uma escola de natação de Goiânia (Goiás) tem lidado com a prevenção de mortes por afogamento. Para compreender quais estratégias foram desenvolvidas e aplicadas pela instituição, foi realizada, durante a semana da segurança aquática na escola, uma pesquisa de campo, no formato de estudo de caso, que coletou dados de clientes com a mensalidade ativa no plano de natação com idade entre 3 e 12 anos, juntamente com seus respectivos responsáveis. A coleta, portanto, foi feita em dois momentos através de dois questionários distintos: um com perguntas simples e fechadas para as crianças e outro com questões mais complexas, tanto objetivas como subjetivas, para seus responsáveis. Por haver perguntas abertas sujeitas a respostas abrangentes, a técnica utilizada para o exame de dados foi a análise de conteúdo e apurou-se que as principais dificuldades encontradas neste processo de prevenção com o público-alvo foram: transmitir o real cenário de periculosidade de afogamento para as crianças e fazê-las se darem conta da complexidade da situação. Entretanto, tivemos também, tanto da parte das crianças como de seus responsáveis, respostas compatíveis às nossas expectativas, mostrando assim a compreensão e apropriação do conteúdo transmitido em prol da temática trabalhada e dos fundamentos básicos da natação. Vimos, com isto, que a academia contempla em seu plano de ensino a preocupação com seus alunos diante um assunto que é responsável pelo encerramento da vida de milhares de pessoas no mundo todo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde de 2014.

Palavras-chave: Afogamento; Educação Física; Prevenção; Natação.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but principal d'évaluer de quelle manière une école de natation à Goiânia (Goiás) gère la prévention de morts par noyade. Pour comprendre quelles stratégies ont été développées et utilisées par l'institution, on a réalisé, pendant la semaine de la sécurité aquatique à l'école, une enquête sur le terrain, à la méthode d'une étude de cas, qui a collecté des données de clients régulièrement inscrits au cours de natation à l'âge entre 3 et 12 ans, avec leurs respectifs responsables. La collecte a donc été réalisée en deux temps grâce à deux questionnaires différents : l'un avec des questions simples et fermées pour les enfants et l'autre avec des interrogations plus complexes, contenant des assertions complètes et incomplètes, pour leurs responsables. Comme il y avait des questions ouvertes susceptibles de présenter de larges réponses, on a utilisé la méthode d'analyse de contenu pour examiner les données et on a vérifié que les principales difficultés liées au processus de la démarche de prévention avec ce public cible ont été celle de transmettre l'ambiance réelle du danger de noyade pour les enfants et celle de leur rendre compte de la complexité de la situation. Cependant, on a eu aussi, tant de la part des enfants que des leurs responsables, des réponses compatibles avec nos attentes, ce qui a démontré, de leur part, une compréhension et une maîtrise du contenu transmis au profit de la thématique travaillée et des bases de la natation. On a constaté ainsi que l'académie de natation en question intègre, dans son plan d'enseignement, la préoccupation avec ses élèves d'un thème qui est responsable de milliers de décès de personnes partout dans le monde, selon des études de l'Organisation mondiale de la Santé de 2014.

Mots-Clés: Noyade ; Éducation Physique ; Prévention ; Natation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dinâmica de empurrar o colega de costas e olhos fechados na piscina, 2023.

Figura 2: Alunos realizando dinâmica das argolas durante o 2º dia de aula da semana da segurança aquática, 2023.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	14
3. CAPÍTULO I - SOBRE O AFOGAMENTO	15
3.1 - AS MORTES POR AFOGAMENTO	16
4. CAPÍTULO II - PREVENÇÃO	20
5. CAPÍTULO III - METODOLOGIA	23
5.1 - SOBRE O LOCAL	23
5.2 - SOBRE OS PROFISSIONAIS	25
5.3 - SOBRE AS TURMAS E ALUNOS	25
6. CAPÍTULO IV - RESULTADO E DISCUSSÕES	28
7. CAPÍTULO V - CONCLUSÃO	40
8. REFERÊNCIAS	41
9. APÊNDICES	43

1. INTRODUÇÃO

O instinto de sobrevivência sempre foi uma característica natural da humanidade, e o ser humano, assim como todas as classificações de seres vivos, se desafia explorando e se apropriando das mais diversas dádivas da natureza para a promoção da própria vida e de seus sucessores. Evidentemente essa relação do Homem com a água, elemento mais importante para a subsistência de nosso organismo e da natureza, não fugiria desta regra. “Tudo indica que as origens da natação se confundem com as origens da Humanidade. Raramente por temeridade, mais frequentemente por necessidade, às vezes, por prazer, o homem entrou em contato com o elemento líquido” (Catteau e Garoff, 1990, p. 21, *apud* DallaDéa, 2014, p. 74).

Vale a pena dizer que a dominação do meio aquático sempre se manteve como um grande desafio até hoje a ser combatido, em diferentes épocas com suas diferentes adaptações. Por decorrência do tempo, e também não podemos negar que por sorte, o homem desenvolveu sua incrível capacidade de se adaptar a todos os meios externos àquele que lhe é natural. Esta característica é de grande valia para o desenvolvimento de seu fenótipo e genótipo humano. Em decorrência disso, foram sendo engrandecidas as suas habilidades de deslocamento e, sobretudo, de sobrevivência aquática, visto que existiu a necessidade de romper esse obstáculo (rios, lagos, águas abertas no geral) para alcançar e desbravar novas terras e novas potencialidades de melhoria da qualidade de vida desse ser.

Hoje, diante de tanta evolução, os desafios não parecem ter sido ultrapassados com total eficiência. É alarmante constatar que o afogamento está entre as 10 principais causas de morte de crianças e jovens em todas as regiões do mundo. Além disto, é uma grave e descuidada ameaça à saúde pública que tira a vida de milhares de pessoas por ano, fatalidades que em mais de 90%, ocorrem em países de baixo e médio rendimento econômico (Organização Mundial da Saúde, 2014). De acordo com Margaret Chan, diretora geral da Organização Mundial da Saúde:

A cada hora todos os dias, mais de 40 pessoas perdem suas vidas por afogamento. Quer se trate de crianças pequenas a escorregar despercebidas num lago, numa piscina ou num poço; adolescentes a nadar sob a influência de álcool ou drogas; passageiros de embarcações que capotam; ou moradores de comunidades costeiras afetados por inundações, as perdas diárias desta principal causam de morte a nível mundial continuam a aumentar silenciosamente (OMS, 2014, p.7).

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2023), cerca de 236 mil pessoas perdem a vida por afogamento no mundo todos os anos, totalizando cerca de 2,5 milhões de mortes na última década. No Brasil, entre o período de 2015 e 2021, o DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde) indica que foram registrados

34.926 mil óbitos no grupo CID10: Afogamentos e submersão acidentais, os quais 1.287 mil ocorreram apenas em Goiás. Seguindo os conceitos das fases da vida humana dadas por Castilho (2023), em uma distribuição entre menores de 1 até 11 anos (infância), são somadas 6.187 mortes em todo Brasil. Pode-se destacar ainda que o número mais preocupante vem logo em seguida, agrupando dados entre pessoas de 20 a 59 anos (fase adulta). Dentro dessa faixa etária são registrados 20.720 casos de afogamento com desfecho em morte, sendo este o grupo mais atingido. Devido à pandemia do COVID-19, segundo Szpilman (2023), os dados sofreram alterações visto que houve um aumento na permanência das pessoas em suas residências. Tal fato contribui para o aumento nos casos de morte entre crianças de 1 a 9 anos, e a diminuição da frequência em áreas de lazer aquático (clubes, praias e rios) o que, embora fosse muito baixa, a ausência de guarda-vidas possa ter gerado impacto nos casos de óbito.

A Organização Mundial da Saúde (2014) afirma que crianças são as principais vítimas em todo o mundo. Os fatores de risco são diversos, desde controle de barragens expondo grandes massas de água à população, consumo de álcool e drogas por jovens e adultos a transporte aquático e catástrofes causadas por inundações. O afogamento é uma questão multissetorial, porém percebemos que a falta de supervisão adequada para os bebês e crianças, visto que estes são as maiores vítimas, assim como as fracas competências de natação, são agravantes das ocorrências sem grande parte dos casos registrados. De antemão, vemos que o profissional de Educação Física é o melhor e mais capacitado especialista responsável para o ensino das competências básicas de natação às crianças em idade escolar. Embora haja muito a aprender e a melhorar no currículo de planejamento das aulas de natação, devemos tomar medidas preventivas comprovadas e visar urgentemente as populações mais diversas, com ênfase às mais vulneráveis, com as estratégias que mais salvem vidas.

A PREVENÇÃO É VITAL. Assim que alguém começa a afogar-se, o resultado é muitas vezes fatal. Ao contrário de outras lesões, a sobrevivência é determinada quase que exclusivamente no local do incidente e depende de dois fatores altamente variáveis: da rapidez com que a pessoa é retirada da água e de quão prontamente é aplicada uma reanimação adequada. Por conseguinte, a prevenção é vital (OMS, 2014, p.12).

Ainda analisando os dados do DATASUS, não são encontrados registros de internações nos anos subsequentes a 2016. Podemos notar ainda que, apenas em 2015 foram constatados 10 casos, onde nenhum deles aconteceu em Goiás. Uma explicação provável para isto seria o trecho da OMS supracitado ou o fato de que o afogamento tenha sido considerado a causa secundária da internação.

Em uma pesquisa rápida pelo *Google* (mecanismo de busca através da rede de internet), é possível encontrar mais de 20 escolas especializadas registradas no ensino da natação, sem contar as academias que oferecem planos e estruturas para a prática e instrução da mesma, com diferentes preços e localidades na cidade de Goiânia, Goiás. O critério de avaliação utilizado para a seleção do lugar foi a vivência minha (autor) durante o período de estágio não obrigatório nas práticas aquáticas da academia analisada.

O estudo a seguir define os conhecimentos atuais sobre o afogamento e a prevenção do mesmo, assim como apela a um aumento significativo de esforços e recursos abrangentes para reduzir o intolerável número de mortos, sobretudo entre crianças e adolescentes. Temos como objetivo, entender de que maneira uma escola de natação de Goiânia tem lidado com essa temática, se está previsto no plano de ensino tópicos relacionados à segurança aquática e como se desenvolve essa questão: se durante as aulas os alunos são instruídos sobre algum tipo de comportamento adequado na escola ou em ambientes externos à natação que tenham contato com o meio líquido e estejam sujeitos ao afogamento, se é comentado com os pais e responsáveis sobre essa interrogativa. Em suma, queremos entender como é trabalhada e levada em questão um dos fatores principais de risco e mortalidade do mundo.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Avaliar como uma escola de natação de Goiânia, no estado de Goiás, tem lidado com a prevenção de mortes por afogamento em sua metodologia.

Objetivos Específicos:

1. Compreender quais estratégias esta escola de natação tem desenvolvido diante a prevenção de mortes por afogamento.
2. Apurar a opinião dos alunos sobre suas vivências e habilidades, assim como a dos responsáveis sobre suas expectativas durante o desenvolvimento e aprendizagem das competências natatórias das crianças e comportamentos dos mesmos diante cenários externos as aulas, como clubes e piscinas.
3. Analisar as principais dificuldades encontradas durante o processo de aplicação das aulas da Semana da Segurança Aquática.

3. CAPÍTULO I – SOBRE O AFOGAMENTO

Para delimitar melhor o nosso proceder, vamos nos basear na definição de afogamento adotada no primeiro Congresso Mundial sobre Afogamento de 2002, e que permanece a mesma até os dias atuais, segundo a qual este conceito é definido como sendo: “O processo de alteração da função respiratória resultante de uma submersão/imersão em meio líquido”(OMS, 2014,p.14).

Com isso, temos que esses incidentes ocorrem em situações onde a vítima cai ou entra por livre e/ou espontânea vontade em meios aquáticos e depois se encontra em condições inadequadas de respiração e controle da situação, preenchendo suas cavidades corporais de água. De um modo geral, estes indivíduos não sabem ou estão impossibilitados de dominar as suas habilidades diante águas profundas, como rios, mares, piscinas entre outros. Tais impossibilidades podem acontecer de diferentes formas: tendo seus movimentos limitados (cansaço prematuro, fadiga e ou enrijecimento muscular, lesões); utilização de roupas grossas ou mesmo não adequadas ao nado em geral, acessórios e calçados; consumo de drogas e bebidas alcoólicas que geram perda da lucidez, perda de reflexo, problemas de atenção entre outros; inabilidade dos fundamentos da natação, principalmente na flutuação onde as vítimas costumam levantar o rosto induzindo a parte central do corpo (peito e abdômen) a submergirem e pesarem o corpo cada vez mais para baixo (Pereira, 2013).

A ingestão de alimentos antes da prática aquática pode gerar desconfortos estomacais como, por exemplo, cãibra e vômitos o que geralmente são induzidos por exercícios ou atividades físicas muito fortes logo após a ingestão (Palmer,1990). Este por sua vez, costuma ser um motivo frequente de afogamento e por isso é importante ser ressaltado.Com a água entrando nos pulmões e, com decorrer do tempo no sangue, a pessoa morre por asfixia, visto que acontecerão distúrbios hidrossalinos. Logo, com a parte interna toda inundada, o corpo acaba afundado(Pereira, 2013).

Com isso, Halfeld (1985) nos traz em sua literatura, a caracterização de dois tipos de afogamento: o primário, como sendo aquele em que a vítima inicialmente sofre por asfixia, seguida de parada respiratória e, logo após, síncope cardíaca, apresentado cor cianótica (coloração azulada da pele devido à falta de oxigenação do sangue). Por sua vez, o afogamento secundário se caracteriza por situações onde primeiramente há a síncope cardíaca e depois a parada respiratória e coloração branca da pele. Nessa segunda caracterização existe um agravante: a vítima, na maioria das vezes, passa despercebida, já que não há movimentações bruscas e nem momentos onde a vítima fica se debatendo. O caso acontece

silenciosamente e a pessoa desaparece da superfície da água, dificultando e retardando o resgate.

3.1- AS MORTES POR AFOGAMENTO

Após um certo tempo do ocorrido, o corpo do indivíduo entra em estado de putrefação, momento este em que há a liberação de gases em seu interior que, com seu acúmulo, faz o corpo da vítima emergir na água(Pereira, 2013). Os autores Fox e Mathews (1986) indicam que há algumas alterações fisiológicas no corpo da vítima que podem indicar diferenças no afogamento em água doce e em água salgada. Cadáveres encontrados em meios líquidos hipotônicos (água doce), na maioria das vezes, se encontram com os pulmões sem água, isto porque há uma osmolaridade da água invadida de dentro do pulmão com a corrente sanguínea, deixando assim o próprio sangue hipotônico em relação às células o que causa uma lesão na estrutura da própria levando à ruptura das hemácias. A gravidade dessa lesão desencadeia a diluição de cálcio, sódio e cloro (eletrólitos sanguíneos) e de proteínas plasmáticas. A baixa concentração de O₂ gera irregularidade na força e ritmo cardíaco e, conseqüentemente, a morte. Os autores ainda relatam o seguinte: “A inexatidão da afirmação: a pessoa não deve ter-se afogado, pois não havia água em seus pulmões, torna-se evidente quando o afogamento ocorre em água doce” (Fox & Mathews,1986, p. 312*apud*Pereira, 2013, p. 114).

Em água salgada ocorrem eventos distintos. O corpo do cadáver, por sua vez, já se encontra com os pulmões inundados de água, isto porque agora o ambiente é hipertônico em relação ao sangue. Com isso, os sais se difundem para o sangue e a água, advinda do próprio sangue, passa para dentro dos pulmões. Isso leva a uma concentração alta de sódio plasmático e, também, a um aumento da concentração de hemácias, gerando contração (plasmólise) e queda da frequência cardíaca e pressão sistólica, levando a morte do indivíduo (Fox& Mathews, 1986).

A autora Dalla Déa (2014), por sua vez, caracteriza o afogamento por diferentes naturezas, mas ainda atribuindo nomenclaturas como as de afogamento primário e secundário. No primário, que se acredita ser o mais frequente, não houve nenhum fato antecedente para o acidente acontecer. Em razão disso, temos três tipos de afogamentos primários:

- Síncope de imersão: acontece com a bruta exposição do corpo em águas com temperaturas apenas cinco graus abaixo da temperatura corporal. Também é normalmente chamada de “choque térmico” e é causada quando se tem

diferenças entre a temperatura do corpo e da água, desencadeando uma bradi ou taquicardia.

- Hipotermia: dá-se pela permanência do corpo em água fria, abaixando a temperatura corporal para índices iguais ou menores a 35,5°C retal e ocasionando a morte.
- Pânico: situação onde a vítima se depara com uma luta para manter-se na superfície sendo que, em 2% desses casos o espasmo na glote é presente e em 98% dos casos existe a aspiração de líquido pulmonar, ambos com potencialidades de levar o indivíduo à morte.

O afogamento secundário, a autora indica que se dá diante a alguma patologia associada anteriormente ao afogamento, como por exemplo:

1. uso de álcool e outras drogas (36,2%)
2. crises convulsivas (18,1%)
3. traumas (16,3%)
4. doenças cardiopulmonares (14,1%)
5. mergulhos livres ou autônomos (3,7%)
6. Outros, como homicídios, suicídios, lipotimias, câibras, hidrocussões(11,6%)

Outros autores já classificam o afogamento de diferentes formas. Szpilman (2001), por exemplo, já diferencia o resgate e caracteriza o afogamento através de graus desde o mais leve até o mais grave. Outro ponto importante a ser considerado é quando o corpo já é encontrado como cadáver. Segue a classificação do afogamento:

1. Resgate: quando o indivíduo é encontrado vivo e consciente, ainda no meio líquido, sem manifestações clínicas, podendo ser liberado no local sem necessidade de atendimento médico após avaliação do socorrista.
2. Grau 1: Vítima consciente, apresentando tosse, sem espuma na boca e/ou no nariz. Aqui não se apresenta riscos à vida.
3. Grau 2: Afogado ainda responde ao chamado, apresentando tosse e pouca espuma na boca e/ou no nariz. Já se apresentam riscos à vida, porém com obaixo percentual de 0,6%.
4. Grau 3: Trata-se da vítima com grande quantia de espuma na boca e/ou no nariz, porém a respiração está presente e o pulso radial palpável. O percentual de morte aqui se eleva para 5,2% dos casos.
5. Grau 4: Aqui se encontram as mesmas características do grau anterior, porém com pulsação radial não perceptível, tendo em 19,4% dos casos a morte.

6. Grau 5: Neste grau a mortalidade eleva-se para 44% e as vítimas não apresentam sinais respiratórios, porém existem sinais circulatórios no pulso carotídeo.
7. Grau 6: De imensa periculosidade, a vítima não apresenta sinais respiratórios e de circulação, porém permaneceu submersa por menos de uma hora e, com isso, ainda não mostra rigidez cadavérica, decomposição corporal e/ou livores. A mortalidade é bastante alta, sendo de aproximadamente 93% dos casos.
8. Já cadáver: vítima sem sinais cardiorrespiratórios com mais de uma hora de exposição dentro da água, rigidez cadavérica e decomposição corporal e/ou livores.

Estas indicações são utilizadas no Hospital de Afogados do Rio de Janeiro pelos salvavidas como uma forma mais rápida e eficaz de transmitir a real situação da vítima para os médicos e, com isso, o atendimento ser de maior prontidão, qualidade e chances de vida à vítima (Dalla Déa, 2014).

Segundo Arenillas (1990), os cadáveres decorrentes de afogamento apresentam a pele fria. Outras características são apontadas pelo autor como: olhos dilatados, língua para fora, nariz com espuma e boca entreaberta, além de edemas pulmonares que fazem coração e veias se dilatarem. Este autor traz informações mais específicas e curiosas após conseguir abordar as mortes por afogamento e detectar subdivisões para esse acontecido. Prevê-se que o fato dure entre um a três minutos até se configurar na morte do indivíduo. Podemos então assim classificar o fato em cinco fases:

- 1ª. Surpresa, nos primeiros 5 segundos;
- 2ª. Apneia, durando entre 45 a 60 segundos;
- 3ª. Dispneia, entre 30 e 45 segundos;
- 4ª. Convulsões e asfixias, de 30 a 45 segundos;
- 5ª. Agônica ou terminal.

O futuro é iminente ao nosso querer, não nos pertence a dádiva de saber o que vai acontecer nos minutos seguintes em lugares de lazer como clubes, chácaras, praias, rios ou na própria residência ou de parentes próximos. Porém, através dos casos já vigentes, a autora Dalla Déa (2014) indica as principais causas de afogamento, sendo elas:

- Não saber nadar;
- Abuso de álcool e drogas durante a natação recreativa;
- Saltos de cabeça em locais desconhecidos ou em águas rasas;

- Superestimar a própria condição técnica e física;
- Cair de repente em água funda;
- Acidentes envolvendo barcos pequenos e médios;
- Emergências médicas, tais como ataques cardíacos;
- Acidentes que podem surgir após uma refeição exagerada;
- Tentativa de salvamento de outra pessoa em estado de afogamento;
- Outros, como pânico, hipotermia e apagamento.

A morte no afogamento pode depender de mais de um fator, por isso é tão controverso. É importante ressaltar que as vítimas, mesmo depois do ocorrido, devem se manter em observação e em acompanhamento de familiares e profissionais visto que problemas de saúde podem vir à tona após horas ou dias como: febre, pneumonia, edema pulmonar, arritmia cardíaca, abscesso pulmonar, entre outras (Dalla Déa, 2014).

4. CAPÍTULO II – PREVENÇÃO

“Prevenir é salvar, educar para não se afogar” (Vilela e Szpilman, 2014 apud Szpilman, 2023, p. 14). Temos aqui então o objetivo de conscientizar as pessoas com atitudes mais seguras para prevenir o número de afogamentos e com isso precisamos analisar em qual âmbito queremos, podemos e conseguimos atuar. Prevenir é evitar, ensinar, apresentar e dar caminhos de como remediar essa situação e, embora o resgate e o tratamento sejam grandes alicerces desse cenário, a prevenção continua sendo a mais poderosa intervenção e de menor custo, mesmo esta não transparecendo à população uma figura heroica, mas combatendo o aumento da mortalidade e da morbidade do afogamento (lesões decorrentes do afogamento) (Szpilman, 2019).

Com isso, em seu Manual de Sobrevivências Aquáticas, Szpilman (2019) basicamente divide a prevenção em dois tipos: a ativa, sendo essa restringir o acesso, sinalizar, informar, abrir posto de guarda-vidas e medidas anti-sucção em piscinas (intervenções no ambiente aquático), e reativa, que se baseia em orientar, advertir ou deslocar pessoas ou comunidades em local de risco (intervenções no comportamento de risco). Pequenas atitudes podem mudar caminhos para situações futuras e três delas, bem simples, indicadas pelo mesmo autor do manual fazem a maior diferença na redução dos afogamentos: conhecer seu risco pessoal de afogamento e prevenir-se, compreender o problema dos afogamentos em sua área e multiplicar a prevenção.

A Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA) disponibiliza diversos programas de intervenção na prevenção do afogamento em variadas áreas, como, por exemplo:

- Piscinas e o entorno do lar: Programa PISCINA+SEGURA – criado em 2013 pela SOBRASA tem como objetivo a redução dos incidentes por afogamentos em piscinas através da educação de professores de natação e alunos em academias, escolas e clubes (Szpilman, 2019).
- Praias: Programa PRAIAS+SEGURAS – criado em 1999 pela SOBRASA, visa reduzir os afogamentos em praias através da educação de surfistas,

esportistas aquáticos e profissionais de saúde usando a cadeia de sobrevivência em afogamento em palestras, workshops e cursos (Szpilman, 2019).

- Rios, lagos e represas: Programa MUNICÍPIOS+RESILIENTES EM AFOGAMENTO – criado em 2015 pela SOBRASA, objetiva reduzir os incidentes por afogamento em rios, lagos e represas através de consultorias em segurança aos municípios banhados por bacias hidrográficas, tornando-os mais resilientes (Szpilman, 2019).
- Inundações: Programa KIM NA ESCOLA – criado em 2010 pela SOBRASA, objetiva reduzir os incidentes por afogamento em inundações e outros afogamentos através da educação em escolas e comunidades (Szpilman, 2019).

A Organização Pan-Americana da Saúde (2023), também traz em seu *site* algumas alternativas de prevenção a serem adotadas que vão desde atitudes pessoais a ações de grandes entidades governamentais e locais como: treinar pessoas em resgate e reanimação seguros; estabelecer e cumprir os padrões de segurança para navegações, transporte marítimo e balsas; melhorar o gerenciamento de risco de inundação em nível local e nacional; instalar barreiras para controlar o acesso a água; proporcionar locais seguros longe da água para crianças em idade pré-escolar, com cuidado infantil treinado; ensinar as crianças em idade escolar habilidades básicas de natação, segurança na água e resgate seguro.

Já a Organização Mundial da Saúde (2014) coloca em seu boletim, além das medidas a escala comunitária supracitada, políticas e legislações eficazes para a prevenção do afogamento em nível nacional, como:

- Estabelecer e aplicar uma legislação quanto à segurança nas embarcações de recreio, nos navios comerciais e nos ferreis.
- Aumentar a capacidade de resistência e gerir riscos de inundação e outros perigos a nível local e nacional.
- Coordenar esforços de prevenção de afogamento com os envolvidos em outros setores e programas.
- Desenvolver um plano nacional de segurança aquática.

A autora Dalla Déa (2014) disponibiliza em seu livro “Licenciatura em Educação Física: v. 5”, 27 medidas preventivas que cada pessoa pode assumir e apropriar-se em reconhecer seu risco pessoal de afogamento, sendo que a primeira medida é a regra básica considerada pela autora como método de prevenção de acidentes na água, o “aprender a nadar”, pois sabemos que a água não é o ambiente natural do homem, e essa inadequação

pode ser causa de acidentes. “Como seres eminentemente terrestres, nossos movimentos de natação iniciais são rústicos, comparativamente ineficazes e longe de ser compatíveis com uma verdadeira eficiência na água” (Colwin 2000, *apud* Dalla Déa, 2014, p.75).

Podemos dizer então que é essencial para o profissional de Educação Física que lida com as práticas aquáticas saber introduzir esses conhecimentos em sua metodologia no plano de ensino e, dessa forma, incluir uma programação semestral para proporcionar a divulgação de medidas preventivas atualizadas, além de se apropriar de pedagogias para o ensino de sobrevivência com nados utilitários e otimização dos fundamentos básicos da natação para cada faixa etária (Dalla Déa, 2014).

Vimos então que, o afogamento é uma das principais causas de morte em todo o mundo e que sua prevenção desempenha um papel crucial na redução dessas tragédias. Algumas outras estratégias eficazes para evitar acidentes e promover a segurança em ambientes aquáticos são informações em comum fornecidas incluindo recomendações de organizações como a Cruz Vermelha, a Associação Americana de Cardiologia e órgãos governamentais de segurança. Ao adotar uma abordagem abrangente, envolvendo educação, supervisão, infraestrutura segura e conscientização, podemos trabalhar juntos para reduzir drasticamente as tragédias relacionadas ao afogamento e criar ambientes aquáticos mais seguros para todos. Mas em toda circunstância, recomenda-se sempre verificar as diretrizes específicas de organizações locais e nacionais de segurança aquática para obter informações mais detalhadas e atualizadas.

5. CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Este estudo teve um caráter de pesquisa de campo. Para isso, executamos investigações combinadas a referenciais bibliográficos e documentais da própria faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás e de ambientes externos a ela, como artigos publicados nas plataformas digitais através da rede de internet, coletando dados junto a grupos de pessoas utilizando do método de estudo de caso que vislumbra, geralmente, dados qualitativos visando explorar e explicar fenômenos de determinado contexto, coletando dados através de situações/eventos reais. É um processo detalhado, exaustivo, colhendo conhecimentos profundos de poucos ou, até mesmo, de um objeto apenas (Eisenhardt, 1989; Yin, 2009).

Analisamos então um evento de práticas aquáticas de uma academia, que teve duração de quatro dias (segunda-feira à quinta-feira) do dia 27 ao dia 30 de Novembro de 2023 em uma semana nomeada pela academia como NOVEMBRO SEGURO. Esta data foi escolhida por ser próxima de grandes celebrações do ano como *Réveillon* e Carnaval, no período de Dezembro a Março, em que se instala o verão brasileiro. Além disso, os meses foram escolhidos, pois se percebe uma grande concentração de pessoas em ambientes que dispõem de meios aquáticos como praias, clubes, resorts, hotéis. Uma vez que as casas estão cheias e somadas ao alto consumo de bebidas alcoólicas, são criadas situações com um potencial grande de acidentes podendo o afogamento ser um deles (Szpilman, 2023).

5.1- SOBRE O LOCAL

O ambiente é de alto padrão com uma gama de materiais de boa qualidade e variedade para o uso nas aulas de natação adulta, infantil e de hidroginástica. A piscina se encontra nos fundos da academia, no primeiro andar, (visto que são três andares sendo o primeiro o subsolo, o segundo o térreo e o terceiro o andar da sala de musculação dos membros inferiores) interligada a uma área chamada de “sala dos pais”, onde se encontram televisões com acesso às câmeras da piscina e a programação local, ar condicionado, cadeiras e uma brinquedoteca conectada ao espaço. A escadaria de ferro que liga a sala dos pais e a sala de musculação à piscina apresenta placas de pedra nos degraus para evitar que enferrujem com a água, visto que muitos alunos passam por ali molhados para se trocarem em um dos banheiros, que se localizam no andar de cima. O piso da região em si é liso, mas apresenta

tapetes de borracha interligados à ducha e às piscinas para evitar acidentes com escorregões como postos na Norma Técnica 16/2017 do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás: “Recomenda-se que o revestimento do piso da faixa pavimentada deve ser executado com material antiderrapante, lavável e não agressivo ao contato”(Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.3).

A academia ainda dispõe de uma boa iluminação do ambiente com luzes presentes em todos os espaços e luzes de emergência nas escadas e portas, também prevista pela mesma norma supracitada. “As piscinas que funcionam no período noturno deverão possuir iluminação externa, de forma que toda piscina seja iluminada, permitindo a visualização de todos os usuários pelos Guarda-Vidas” (Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.3).

Ambas as piscinas apresentam aquecedores (dois elétricos e um solar) como também o tratamento da água com cloro e bomba de ozônio. A piscina maior apresenta um metro e quarenta de profundidade na parte mais rasa e um metro e quarenta e cinco na porção mais funda. Nela ocorrem as aulas de natação adulta e de hidroginástica e em sua maioria, se dispõem de três corrimões na escada de acesso e barras de ferro nas duas laterais. Já a piscina pequena tem um metro de profundidade e não apresenta corrimões para acesso. Ambas as piscinas apresentam ralos cobertos e espaçados conforme prencunciado na Norma Técnica que está sendo usada como base:

Os ralos de fundo devem ser cobertos por grades ou tampas, cujas aberturas tenham no máximo 10 mm de largura, executadas de forma a evitar a entalção de dedos, brinquedos e outros objetos e que possam ser removidas apenas mediante o uso de ferramentas. O formato das tampas utilizadas nos drenos antiturbilhão deve ser adequado para dificultar sua completa obstrução e permitir que a água flua sem provocar a formação d vórtices (Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.4).

A atenção sobre esses ralos deve ser sempre redobrada porque sabemos que esse é o principal motivo de acidentes entre pessoas e, principalmente, com crianças que sabem nadar entre 4 a 12 anos que se afogam através do processo de sucção da bomba em piscinas. (Szpilman, 2023)

Existem também nas instalações dois banheiros no ambiente: uma para pessoas portadoras de necessidades especiais e outro chamado de “banheiro família”, onde os responsáveis utilizam para trocar a roupa e higienizar as crianças antes e após a aula. A sala da coordenadora é abaixo da escada que liga a piscina até a sala dos pais e apresenta paredes de vidro para melhor visualização do ambiente de ambos pontos de vista. Ali também se encontra uma mesa com computador e impressora, uma caixa com itens de pronto-socorro e um local de “achados e perdidos”, pois muitas pessoas esquecem utensílios pessoais, sejam

eles vestimentas ou produtos de higiene. Apenas as crianças podem se manter no local, esta é uma regra e, no total, temos sete placas alertando sobre essa ordem dispostas entre as grades, paredes, escadas e em um cartaz. Para a espera dos alunos para a próxima aula, a academia dispõe de um grande banco de madeira para acomodação, ganchos presos na parede para pendurar roupões e um bebedouro. Além disso, a área de uso da piscina é separada do corredor de acesso às escadas e banheiros por uma grade de ferro e um portão pequeno interligando as duas áreas como exigido pela Norma Técnica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás. “A piscina e sua área circundante devem ter acesso restrito com separação do espaço reservado aos espectadores, de modo a evitar a possibilidade ou meios aos banhistas e aos espectadores de usarem as mesmas áreas”(Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.2).

Por fim, no local ainda se encontra uma cozinha para os funcionários de toda academia, que também serve de depósito, ambiente para a casa de máquinas e disjuntor de controle da energia, local este com ventilação e separação da área de uso da piscina como previsto pela norma supracitada:

As instalações elétricas da Casa de Bombas/Sistema de Filtragem, iluminação da piscina e área circundante deverão estar isoladas e ser certificadas por profissional habilitado e com recolhimento da respectiva Anotação de Responsabilidade Técnica no órgão fiscalizador (Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.3).

5.2- SOBRE OS PROFISSIONAIS

São duas professoras de educação física, dois estagiários em educação física e uma coordenadora das práticas aquáticas da academia. A relação entre todas as pessoas é boa e conflitos não são constantes entre os envolvidos. As aulas são distribuídas entre as professoras e os estagiários sendo cada turma responsável por um deles. Todos têm total liberdade para elaborar seu plano de aula conforme o planejamento mensal atribuído pela academia, este que todo mês é exposto no mural dos pais e entregue aos profissionais da piscina. A coordenadora está presente na maior parte do tempo e sempre que necessário auxilia nas aulas.

5.3- SOBRE AS TURMAS E ALUNOS

As turmas são divididas através de níveis onde a maturidade, a idade e a bagagem corporal, que é toda a experiência motora acumulada pelo indivíduo ao longo de sua vida, do aluno serão analisadas como critérios de avaliação para seleção da touquinha (Lima, 2008). A

metodologia agregada à escola estudada é a de Gustavo Borges onde cada turma tem sua especificidade e sua cor de touca:

1. Bebê 1 (touca azul claro): este é o primeiro nível, onde se encontram alunos de 6 meses de vida (com liberação médica) à 2 anos de idade. Aqui o maior objetivo é a apresentação do meio líquido para o bebê. É normal que haja muito choro e barulho gerado pela conversação entre o aluno e seu responsável. É necessário que o responsável entre com seu bebê na água, pois todos os exercícios são para trazer vivências corporais e desenvolver adaptações sobre o meio líquido, que em sua maioria, são balanços verticais e horizontais, pequenos mergulhos (com técnica apropriada para o nível), interação com brinquedos coloridos e musicalidade e socialização com outros alunos e com o professor. Esta aula é totalmente lúdica e cantada. Pais e bebês devem usar a touca. Aula de 30 minutos e seus objetivos gerais são: ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; socialização; balanços; equilíbrio; mergulho (Lima, 2008).
2. Bebê 2 (touca azul escuro): aqui se encontram alunos de 2 anos a 3 anos de idade. A aula continua apresentando as mesmas características lúdicas e musicalidade que a do nível passado, mas com uma desenvoltura melhor nos exercícios pois, entende-se, que aqui o bebê já está mais acostumado com a água e consegue se sustentar/equilibrar sozinho na plataforma, mas não se sente confortável em ficar sem a presença do responsável e ainda precisa de auxílio para executar alguns exercícios. Por isso, é necessário que o mesmo entre junto com a criança. Pais e bebês devem usar a touca. Aula de 30 minutos e seus objetivos gerais são: ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; socialização; equilíbrio; deslocamentos; mergulho (Lima, 2008).
3. Bebê 3 (touca roxa): nesse nível o bebê já consegue ficar sem a permanência do responsável e também já consegue executar pequenos deslocamentos sem o uso do material. Aqui as aulas continuam sendo lúdicas e cantadas, porém com uma leve introdução de exercícios e de técnica do nado *crawl* e costas. A idade mínima para a entrada na turma é de 3 anos e a criança poderá ficar até atingir os seus 5 anos de idade. Em raros casos aceitamos alunos com 6 anos nesse nível. O objetivo maior dessa touca é que o aluno desenvolva mais a sua independência dentro da água, pratique mergulhos mais profundos, trabalhe exercícios cognitivos e motores, mas principalmente, aprenda, mesmo que de forma rústica, o nado *crawl* completo sem material. Nesse nível é trabalhada a distância de meia piscina ao máximo. Aula de 30 minutos e seus objetivos gerais são: ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; socialização; equilíbrio; respiração; mergulho; deslocamentos; saltos; sobrevivência (Lima, 2008).
4. Adaptação (touca amarela): a partir dos 5 anos as crianças são incorporadas nesse nível. Serão trabalhadas atividades perceptivo-motoras que desenvolvam características das consciências corporal, espacial, direcional e temporal e de sobrevivência aquática. A ludicidade é incorporada em determinados momentos, como, por exemplo, no descanso entre os exercícios. A passagem para esse nível é bem conturbada porque as crianças estão acostumadas com bastantes brincadeiras e um diálogo mais descontraído. Todavia os professores tentam amenizar esse processo retirando as brincadeiras aos poucos e persuadindo de forma que, apenas ao final da aula, caso o aluno consiga contemplar todos os exercícios ou se comportar bem e apresentar cansaço, que

a brincadeira será permitida. Aqui também é trabalhada a distância de meia piscina ao máximo. Aula de 40 minutos (Lima, 2008).

5. Iniciação (touca verde): nesse nível, geralmente se introduz crianças a partir de 8 ou 9 anos, pois a exigência já é maior. Este é o período de aprendizagem dos nados competitivos, para poder fazer parte da turma o aluno deve conseguir nadar toda a piscina sem pausa ou colocar o pé no chão, saber executar de forma correta os nados *crawl*, costas e peito, conseguir mergulhar até o fundo da piscina sozinho, como também, permanecer sem a presença do professor dentro da piscina e compreender os exercícios apenas pelo comando oral. Aqui será trabalhado o foco maior no condicionamento dessa criança, capacidades metabólicas, através da prática da natação, portanto a quantidade de metros realizada será maior que a das turmas passadas, e aprendizado do nado borboleta de forma rústica. Aula de 40 minutos (Lima, 2008).
6. Aperfeiçoamento (touca vermelha): este é o último nível da turma infantil e aqui se encontram crianças a partir dos seus 12 anos de idade. O objetivo da turma é aprimorar as habilidades aquáticas envolvendo todos os nados e combinando suas capacidades metabólicas ao treinamento de condicionamento cardiorrespiratório do mesmo. Nesse nível também é percebida a combinação de diferentes nados para que o aluno exercite sua coordenação motora e psíquica aplicando a especificidade de cada estilo, como por exemplo a pernada do peito com braçada do borboleta. São trabalhadas também as entradas, saídas e viradas competitivas em aulas de 40 minutos (Lima, 2008).
7. Adulto ou Hidroginástica (touca preta): ambas as turmas compartilham da mesma touca porque são destinadas a um público mais adulto, mas sempre considerando que cada turma apresenta suas especificações. A natação na turma adulto vai desde o investimento para usufruir dos espaços para a prática da natação esportiva ou de lazer, como também para a desconstrução de traumas ou para aprender a nadar, em casos de adultos que nunca tiveram essa oportunidade. Já a hidroginástica tem um público majoritariamente idoso ou de grávidas, por conta da diminuição do impacto do peso nas articulações e na melhora do retorno venoso que favorece pessoas com problemas cardiovasculares. Aulas de 45 minutos.
8. Aulas experimentais (touca laranja): todos tem direito a duas aulas experimentais onde a primeira é para experimentação/vivenciamento e pré avaliação do aluno pelo professor (a) e a segunda é para fechamento da matrícula do (a) mesmo (a) na turma de determinado horário. Estes sempre são acompanhados pelo consultor da academia para apresentação do local e da equipe e realizam a aula de acordo com o tempo de cada nível. O resultado da avaliação de nível de cada experimental é repassada do professor para o consultor que ira, na saída da academia, realizar a finalização do plano e matrícula.

6. CAPÍTULO IV – RESULTADO E DISCUSSÕES

Na semana da segurança aquática os professores tinham total liberdade para planejar suas aulas (não precisavam seguir o cronograma mensal oferecido pela academia) e as turmas podiam ser condensadas para receberem uma aula só. Geralmente, eram unidas as turmas de bebê 1 e 2, as turmas de bebê 3, adaptação e iniciação. A primeira turma a ser avaliada foi a do primeiro horário, às 8h40min horas da manhã, e eram alunos da touca verde, amarela e roxa. Tinha uma professora do lado de fora da piscina junto a dois estagiários, um fora e outro dentro da piscina. Todos os alunos foram colocados sentados na borda da piscina para uma conversa inicial com a professora. Esses encontravam-se com roupa normal de banho e óculos de natação pois só foi solicitado o uso de vestimentas mais pesadas e de uso diário no próximo dia de aula.

A conversa inicial começou com uma pergunta sobre “o que era a semana da segurança aquática?”. A questão maior era entender qual a compreensão das crianças sobre o tema e, de forma organizada, todos foram citando palavras soltas ou frases elaboradas sobre o que acham que era aquela semana. Surgiram então respostas do tipo: “Aprender a nadar”, “boiar”, “nadar quando cair na piscina”, “segurança da água”, “quando tiver afogando, saber sobreviver”. Todas essas informações foram captadas e juntos formulamos uma frase para significar o que seria aquela semana. Definimos então que seria uma semana para aprendermos sobre o afogamento, como se livrar dessa situação e auxiliar uma pessoa que se encontrasse nesse cenário. Logo em seguida, foram ensinadas 3 coisas que nunca se pode fazer perto de uma piscina:

1. Brincar
2. Correr
3. Ficar perto da piscina sem nenhum adulto ao lado, seja responsável ou um bombeiro e/ou salva vidas

Assim como advertido na Norma Técnica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás: “Nota de advertência: Crianças devem fazer a utilização de piscinas sob a supervisão de adultos”(Corpo De Bombeiros Militar Do Estado De Goiás, 2017, p.3).As crianças não apresentam muita noção de perigo e por isso não podem ser deixadas à vontade em locais que haja água. Brinquedos são um grande atrativo para elas e por isso é necessário que sempre evite deixá-los próximos a piscina (Dalla Déa, 2014). Segundo Szpilman (2022), a atenção deve ser 100% com crianças e a distância recomendada é de um braço mesmo com a existência de guarda-vidas no local.

Adiante, foram ensinados alguns nados de sobrevivência para dois casos específicos: quando a piscina ou o meio líquido tiver uma profundidade que a pessoa consiga colocar o pé no chão e quando o lugar for muito fundo a ponto de o pé do indivíduo não conseguir encostar-se ao chão sem o seu corpo estar totalmente submerso. Na primeira situação, os professores indicaram que o nado “canguru” seria a melhor opção, nado este que consiste em efetuar saltos inspirando o ar na fase submersa e soltando borbulhas dentro da água, também conhecido na literatura como sapinho (Dalla Déa, 2014). Com isso os alunos fizeram uma ida e volta na piscina inteira efetuando esse exercício e dessa mesma forma foram feitos os demais nados, sempre com uma explicação breve e logo após os alunos faziam uma ida e volta na piscina inteira. Para lugares onde a profundidade impossibilita encostar os pés no chão foram ensinadas 4 outras opções: o nado do “cachorrinho”, que consiste em nadar de forma mais livre de forma que o rosto sempre fique fora da água para melhor visualização do ambiente e também possibilitar um pedido de socorro. “Este movimento é uma ótima opção de técnica de sobrevivência, e é muito utilizado por pessoas que não têm conhecimento das técnicas dos nados da natação como meio de deslocamento no meio líquido.” (Dalla Déa, 2014, p. 126).

Variações do nado costas, onde os alunos ficaram livres para nadar de costas da forma que achassem mais fácil (executando apenas pernada, nado completo, pernada do peito de costas), com o objetivo de sempre manter o rosto do lado de fora da água para respiração e chamado de socorro; boiar fazendo a “estrela do céu” (flutuação dorsal), onde fizemos um campeonato para ver quanto tempo e quem ficaria mais tempo nessa posição. Por fim, o mergulho para quando as águas estiverem muito turbulentas o deslocamento ser melhor efetuado (haverá uma dinâmica para simular essa situação mais para o final da aula). Um fato crucial a se pontuar é que sempre, ao final das piscinas, os alunos deveriam subir sozinhos (sem apoio algum) na borda da piscina como forma de ensiná-los mais um método de sobrevivência aquática. A maioria das crianças conseguiu efetuar de forma tranquila a obrigatoriedade, mas houve alguns casos de alunos com dificuldade, estes então foram incentivados pelos colegas a continuar tentando até conseguir, através de comandos dos professores e gritos de apoio dos colegas de turma.

A penúltima dinâmica desse dia foi feita com todos os alunos em pé na borda da piscina, onde o professor ficou atrás deles e pediu para que todos virassem de frente para ele e de costas para a piscina com o pé bem rente a borda. Todos teriam que fechar os olhos e, de forma aleatória, o professor iria empurrá-los para que caíssem na água e se deslocassem de qualquer forma que foi ensinada através dos exercícios da dinâmica anterior (canguru,

cachorrinho, deslocamento de costas ou mergulho) até a outra borda do outro lado da piscina. Ao chegar lá, teriam que segurar na borda e gritar por ajuda, socorro ou pai/mãe. Sabemos que o afogamento por queda em piscina (CID 10 – W68) representa 1,1% dentre os 88% dos casos de afogamento não intencionais de 2020 (8% intenção desconhecida e 4% intencionais sendo X71- suicídio 2% e X92- homicídio 1%). Com isso nossa dinâmica preparou o aluno para que ele conseguisse se livrar da forma mais adequada dessa situação e conseguir pedir ajuda o mais rápido e eficiente possível (Szpilman, 2022).

Mesmo explicando todas as características da dinâmica, houve uma aluna da turma de bebê 3 que ficou com bastante medo e se recusou a ficar de olho fechado. Então, demos continuidade ao exercício com essa adaptação para ela. De um modo geral, todos se saíram muito bem e se divertiram bastante com a dinâmica, mas, no momento do grito de socorro, foi necessário chamar a atenção das crianças porque percebemos que elas estavam gritando baixo e apenas uma vez. Conversamos com elas para explicar que, às vezes o responsável pode estar muito longe ou descontraído com o celular, ouvindo música, em uma ligação, no banheiro e dentre outras diversas possibilidades, por isso se faz necessário que elas gritem bem alto e diversas vezes para realmente chamar a atenção de forma eficiente. Notamos, com isso, que as crianças tinham dificuldade de gritar, como também vergonha por ser algo que sempre é muito reprimido e não ensinado: o ato de gritar. Fizemos então a mesma dinâmica para que eles pudessem corrigir esse critério e também adicionamos algumas adaptações para que eles se divertissem mais e simulassem uma situação que não se deve ocorrer (esta informação foi novamente pontuada): em duplas, um deveria empurrar o outro que estava de costas para a piscina e de olhos fechados, na volta o outro da dupla seria empurrado (Figura 1).

Figura1- Dinâmica de empurrar o colega de costas e olhos fechados na piscina, 2023.



Nesse momento da aula, algumas crianças tiveram que ir embora porque o tempo da aula de bebê 3 já havia excedido. Com isso, cantamos a música de despedida e, com os demais alunos, demos continuidade a outra dinâmica pois faltava ainda mais 10 minutos de aula. A dinâmica seguinte consistia em simular uma situação de águas turbulentas e para isso os alunos criaram um corredor no qual um aluno de cada vez sairia da formação e deveria se deslocar de canguru, cachorrinho ou de costas enquanto as outras crianças da turma faziam ondas na água com o auxílio de pranchas. Após uma rodada com cada aluno, a atividade se repetiria só que com o aluno efetuando o mergulho com o objetivo de vivenciar a estratégia de nadar por baixo da superfície onde está ocorrendo efeitos que levam a agitação da água, exemplo: chuvas, ventania, tempestade, piscinas com ondas, águas abertas e locais com muitas pessoas próximas.

Finalizamos assim a aula que se repetiria no dia seguinte e como as turmas acontecem na segunda-feira e na quarta-feira ou na terça-feira e na quinta-feira, dividimos de forma que seriam elaborados dois tipos de aulas: uma a ser aplicada no primeiro dia da semana de cada turma (segunda-feira e terça-feira) e outra a ser aplicada no segundo dia de aula de cada turma (quarta-feira e quinta-feira) com dinâmicas e metodologias diferentes. Neste primeiro dia, o termo de consentimento foi entregue antes da aula para os pais assinarem, porém o questionário foi disponibilizado apenas no final pois a impressão não estava completa. Depois de secos e com as roupas trocadas, os pais e alunos responderam.

A mesma sequência de atividades foi aplicada no último horário do infantil, onde também se juntaram as turmas de bebê 3, adaptação e iniciação. Nas outras duas aulas que ocorreram, foi necessário que separássemos as turmas porque o nível dos alunos era muito

discrepante (bebê 1 e bebê 3). A turma de bebê 3 seguiu a mesma lógica de atividades, porém a professora do bebê 1 optou por conversar mais com os pais sobre a temática e fazer exercícios de locomoção na água com os bebês pois, nessa idade, não é muito eficiente conversar com as crianças porque elas ainda não apresentam muito cognitivo para compreender a informação dada e absorver o conhecimento. Com isso, a aula foi focada em sempre dificultar um pouco a mais os exercícios que eles já haviam vivenciado, como exemplo: segurar na barra (macaquinho) e o responsável tentar se desconectar da criança deixando-a sozinha um pouco, dessa forma progredindo com o desenvolvimento de cada turma e sempre relacionando os exercícios a temática da semana.

Na segunda aula da semana de cada turma foram lembrados os ensinamentos, de forma mais breve, da aula passada. Pedimos para que eles realizassem uma piscina de cada nado de sobrevivência aprendido e que falassem as 3 coisas que são proibidas de fazer perto da piscina. Porém, o grande detalhe dessa aula é que dessa vez os alunos estavam, em sua maioria, vestidos com roupas não apropriadas para a prática da natação (exemplo: moletom, pijama, calça jeans, tênis) o que promove a eles uma vivência diferente no deslocamento dentro da água o que traz mais peso e mais desconforto visto que são roupas que absorvem muita água. O Manual de Emergências Aquáticas já indicia: “Retire roupas e sapatos que possam pesar na água e dificultar seu deslocamento. É válida a tentativa de se fazer das calças um flutuador, porém isto costuma não funcionar se for sua primeira vez”(Szpilman, 2019, p.23).

O principal objetivo dessa aula veio logo depois que, no caso escolhido, seria transmitir para as crianças algumas noções de salvamento. Dentre elas, pontuamos as estratégias de ajuda a uma pessoa que se encontra em estado de afogamento, com isso foi feita uma conversação explicitando que há alguns pontos a serem analisados por elas antes da tomada de decisão, o primeiro deles é visualizar se há um bombeiro, salva vidas ou um outro adulto por perto e sinalizar o mesmo sobre a pessoa para melhor desdobramento da situação, caso não haja, em segunda estância é procurar objetos flutuantes para serem arremessados ao indivíduo e, por fim, caso você tenha treinamento e seja um adulto, pular para salvar a vítima.

Todos esses pontos foram especificados, pois o ato de salvar um indivíduo em afogamento é extremamente complexo porque, nessa situação, a pessoa se encontra em desespero e a primeira expressão de movimento, no contato com a pessoa que foi salvá-la, é se apoiar para emergir a cabeça de dentro da água e se livrar daquele estado de afogamento, Dalla Déa (2014) caracteriza como esse sendo um instinto de conservação do indivíduo e ainda alerta que suas forças são redobradas pelo pânico do cenário. Logo, as pessoas que tem

treinamento sobre essa questão, é de comum apreciação vislumbrar que nesse momento há um processo de imobilização da vítima para melhor deslocamento e flutuação de ambos dentro da água, em casos mais raros se vê a necessidade de desacordar a pessoa, pois seu estado de apavoramento é muito grande e de difícil estabilidade para a calma, mas sempre tenta-se evitar essas tentativas de provocar inconsciência, assim como, socos, puxões de cabelo e demais agressões (Dalla Déa, 2014). Porém, há na cabeça das crianças a crença de que elas conseguem e são portadoras de poderes que permitiram elas a conseguir salvar e isso as incentivam ao ato de pular na água para efetuar a ação, questões essas provenientes da maturidade e da “mentalidade fértil” desenvolvida atrás da absorção de informações de desenhos ou da própria imaginação.

Para que elas consigam sentir a dificuldade que se dá esse ato, efetuamos uma dinâmica de transportar (aproximação da vítima), da forma que quiser, uma argola com uma das mãos, porém as regras seriam (Figura 2):

1º não pode encostar o pé no chão (para idealizar um ambiente aquático com profundidade alta);

2º não pode encostar a argola na água (para simular o rosto da vítima);

3º deve ir com a argola em uma mão e voltar com a argola na outra mão (para trabalhar lateralidade).

Figura 2 -Alunos realizando dinâmica das argolas durante o 2º dia de aula da semana da segurança aquática, 2023.



Todos se divertiram muito, mas também apresentaram dificuldade da execução, outros já conseguiram cumprir a tarefa. Ao final dessa dinâmica, todos foram parabenizados (mesmo os que não conseguiram) e foi pontuado de que a argola era algo muito distante da realidade de um corpo humano, tanto que questões de peso quanto sobre o estado de inquietação do

indivíduo. Para se aproximar melhor a essa situação, agora as crianças deveriam tentar salvá-las entre si, portanto, em duplas, uma pessoa sempre estaria na água boiando na posição de “estrelinha do céu” enquanto a outra deveria tentar nadar até ela e transportá-la (Reboque) para a plataforma. Porém uma observação, o aluno que estivesse boiando não poderia ajudar o colega que a fosse ajudar, portanto deveria ficar estática evitando, assim, que seja efetuado o ato de desvencilhamento que é uma técnica que o salva vidas utiliza para se soltar da vítima em pânico (Dalla Déa, 2014). Não foi ensinada técnicas de reboque para os alunos deixando-os livre para a experimentação e também para não os incentivar, visto que não queremos que os mesmos efetuem essa ação por conta da idade e da falta de treinamento adequado. Após todos vivenciarem ambas as posições, avaliamos a atividade perguntando se foi mais fácil ou mais difícil que a dinâmica anterior e todos confirmaram a questão (ninguém conseguiu desempenhar a missão dada).

Após essa vivência, a próxima atividade mantinha-se as mesmas duplas e, também, mantinha a posição da pessoa que ficava boiando dentro da piscina, só que agora o outro da dupla teria que, de forma rápida, olhar para trás, selecionar e arremessar um objeto que foi posto sem a pré-visualização do indivíduo para o outro colega, que se encontra na água. Haviam então, dentre os materiais selecionados, argolas, macarrões, bolinhas coloridas, brinquedos e pranchas. Todos executaram da forma esperada pelos professores.

E, para finalizar a aula, a última atividade escolhida era o indivíduo da dupla, com a função de salvar, arremessar uma boia improvisada pela academia (boia amarrada com uma corda longa) da forma indicada pelos professores, que seria:

1º pisar no final da corda para que não ocorra o perigo de arremessar a boia e perder a conexão com o instrumento;

2º jogar o objeto em direção a vítima e esperar que ela se agarre ao mesmo;

3º puxar, de forma independente, o colega para a borda da piscina.

Todos se divertiram muito e essa foi a dinâmica predileta deles, tanto que pediram para repetir mais vezes após todos vivenciarem ambas as posições de vítima e de salvador. A maior dificuldade dessa atividade foi arremessar até a distância em que se encontrava a vítima, pois muitos jogaram fraco ou jogaram para uma distância diferente na qual a pessoa se encontrava.

Houve ainda uma turma em que fizemos uma adaptação de uma atividade proposta no livro “Licenciatura em Educação Física: v. 5” chamada de “Troca de roupa” que se baseava em:

Quando o monitor atirar os coletes na água, os participantes deverão pegar um colete de sua cor, vesti-lo, sair da piscina e ficar em pé um ao lado do outro. Ganhará a equipe que todos os integrantes estiverem vestidos e na posição primeiro (Dalla Déa, 2014, p.160 e 161).

Portanto, na nossa dinâmica, havia apenas dois alunos que conseguiriam, de forma segura, executar essa atividade. Com isso, adaptamos para que eles saltem na piscina já vestidos, tentem tirar a pesa de roupa pré-selecionada pelo monitor e se desloquem até a plataforma na borda da piscina o mais rápido possível sem poder encostar o pé no chão em momento algum, ganharia quem chegasse primeiro. Como ambos os alunos tinham levado bastante peças de roupas, conseguimos executar várias partidas com ganhadores variados em cada uma delas. As crianças se divertiram muito e sempre foi perguntado e entrado em acordo sobre qual peça de roupa seria tirada dentro da piscina, sempre avaliando as condições de constrangimento ou desconforto antes da definição.

Seguindo a metodologia, aplicamos então dois tipos de questionários na nossa amostra: um com perguntas objetivas destinadas as crianças e outro que apresenta também perguntas subjetivas com o foco nos responsáveis. Inicialmente perguntamos para os entrevistados se eles sabiam nadar e verificamos que nove crianças em um total de 12 pesquisadas responderam que sim. Segundo Dalla Déa (2014), aprender a nadar é a principal forma de prevenção ao afogamento apresentada em grande parte dos manuais de sobrevivência, no entanto, segundo Szpilman (2019) mesmo grandes nadadores podem morrer afogados quando não respeitam seus limites ou por redução súbita de sua competência aquática, com isso mesmo aprendendo a nadar essas crianças precisam saber mais sobre os nados utilitários e sobre a prevenção do afogamento. Posteriormente perguntamos sobre questões relacionadas a piscina pois sabemos que a ocorrência durante o lazer na piscina é 2 vezes mais frequente do que a queda acidental (Szpilman, 2023). Percebemos em nossa pesquisa que as crianças não apresentam muito medo em estar perto desse ambiente mesmo sem a presença dos pais e averiguamos que 83,3% delas não brincam ou correm perto da piscina pois percebem o grau de periculosidade apresentado ali, visto que na faixa etária de um a quatro anos, o lar e as piscinas representam o local de óbito em 87% (Szpilman, 2023). De todos os avaliados oito disseram que não tem piscina em casa e 11 alegaram não ter piscina em sua escola, o que é um alerta para essas instituições, pois os pais precisam se atentar a buscar serviços de terceiros onde o mesmo poderia ser ofertado pela escola e ter um potencial de acesso maior atingindo um público massivo, a Organização Mundial da Saúde já alegava que uma das principais atitudes de prevenção contra o afogamento a níveis de medidas comunitárias é: “Ensinar as crianças em idade escolar competências básicas de

natação, segurança na água e de salvamento seguro” (Organização Mundial da Saúde, 2014, p.13).

Mais a diante, avaliamos as capacidades de cada aluno diante a alguns fundamentos e nados utilitários da natação, tivemos que boa parte, quase todos os avaliados, das crianças conseguiam e se proclamavam detentoras dos nados do cachorrinho, canguru e estrelinha do céu, estes que se apresentam sempre frequentes diante as aulas e o plano de ensino junto ao mergulho. Segundo o livro “Metodologia da Natação” (Machado, 1978) a flutuação está entre as cinco unidades na sequência pedagógica do aprendizado da natação, estas que podem ser desenvolvidas através de exercícios e jogos, e é caracterizado pelo autor como a capacidade que tem o corpo de se manter na superfície de um líquido sem nenhum auxílio. Dalla Déa (2014) cita ainda em um dos seus capítulos no livro “Licenciatura em Educação Física: volume 5” que uma eficiente flutuação dorsal é fundamental para a sobrevivência aquática sem muito gasto de energia, e com isso apresenta diversas dicas, exercícios e exemplos de planos de aulas para a esquematização e aplicação do ensino, não só dos fundamentos básicos da prática, mas também da sistematização e eficiência na pedagogia dos nados. A autora inclui no mesmo livro a explicação dos estilos cachorrinho e canguru (indicado por ela como sapinho) e argumenta que ambos são movimentos de ótima opção de técnica para sobrevivência e automatização da respiração e coordenação dos braços para pessoas que não tem conhecimento das técnicas dos nados da natação como meio de deslocamento no meio líquido.

Outro ponto avaliado por nós foi a capacidade de sair da piscina pela borda e apenas uma criança da nossa amostra disse que não conseguia, durante todas as dinâmicas os alunos praticavam essa habilidade tendo, ao final da atividade, que subir sozinhas e, em especial a turma da aluna que apresentou dificuldade, incentivar os colegas a conseguirem sozinhos. Sabemos que o afogamento é um incidente, por não acontecer por acaso, ter prevenção, e esta é a melhor forma de tratamento, como dito por Szpilman (2023), desse modo simulamos e questionamos aos alunos se já haviam nadado com roupas sem ser as próprias para a prática da natação e as respostas foram bem próximas sendo poucas a mais dizendo já ter vivenciado essa experiência por iniciativa da escola de natação. O “manual de afogamento ao curso de emergências aquáticas” de David Szpilman (2019) aponta a retirada de roupas e sapatos que possam pesar na água e dificultar seu deslocamento, sendo válida apenas na hora da tentativa de se fazer das calças um flutuador.

Por fim, questionamos se por acaso presenciarem uma situação de afogamento qual seria a primeira iniciativa de intervenção daquele cenário e 66,7% indicaram que chamaria um

salva-vidas ou adulto para ajudar a pessoa e, com pesquisas, verificamos que o risco estimado de morte por afogamento em área de banho sem guarda vidas é 60 vezes maior Szpilman (2023), o reflexo dessa resposta se dá por sempre enfatizarmos que não é indicado que fiquem perto de piscinas sem o acompanhamento de um adulto ou responsável e por consequência a segunda opção mais votada é que jogariam algo que boiasse para a vítima, outra atitude indicada como intervenção pelo manual de afogamento anteriormente citado, atentando para que nunca entre na água para salvar, jogue um material flutuante e aguarde o profissional chegar.

Representando assim que tivemos um produto positivo para o que esperávamos, a grande maioria das crianças respondeu com o auxílio dos responsáveis apenas para ajuda em ler e compreender a pergunta, mas sem a intervenção deles na resposta o que nos mostra grande apropriação dos conhecimentos transmitidos durante as aulas do ano e, em especial, da semana da segurança aquática analisada.

No questionário destinado aos responsáveis, tivemos como resposta a opinião de treze participantes e, com isso, coletamos as afirmações que “aprender a nadar” e “segurança dentro da água” aparecem como os principais motivos para os mesmo introduzirem as crianças nas aulas de natação, porque, como dito por Colwin (2000), “como seres eminentemente terrestres, nossos movimentos de natação iniciais são rústicos, comparativamente ineficazes e longe de ser compatíveis com uma verdadeira eficiência na água”. Em imediato foi perguntado se existe a preocupação aquática da criança, pergunta esta porque o afogamento é a primeira causa de óbito de um a quatro anos e a terceira causa entre cinco e nove anos no Brasil segundo dados do “Boletim Epidemiológico no Brasil” Szpilman (2023), e a grande maioria afirmou que sim justificando para que eles estejam melhor preparados para conseguir se livrar em situações de afogamento e apenas um responsável se posicionou contra alegando que seu maior interesse era a nível de competição.

Outra questão importante apontada era se o indivíduo conhecia alguém que passou por situações de afogamento visto que, em 2020, 5.818 brasileiros morreram afogados e estima-se que os acidentes não fatais chegam a 100.000 sendo as crianças as maiores vítimas dessa situação Szpilman (2022), dos 13 avaliados, quatro disseram que não conhecem, outros quatro ficara sabendo mais não conhecem a vítima, três disseram que conhecem apenas uma e outras três disseram que conhecem duas ou mais vítimas. Essa questão gerou muita reflexão porque ao mesmo tempo em que propõem ao indivíduo pensar sobre os casos que se tem memória, também faz questionar se o mesmo apresenta tais habilidades dentro da água e, da mesma forma que perguntado para as crianças, indagamos os responsáveis sobre suas

capacidades diante a pratica da natação, pois, segundo Fernandes e Costa(2006, *apud* Dalla Déa, 2023, p. 75) houve uma época, na Idade Média, em que a natação ficava restrita apenas da nobreza, porém hoje em dia o acesso é mais viável e com maiores possibilidades.

A cerca disso, tivemos três respostas positivas e justificadas que tem conhecimento sobre os quatro nados principais e outras cinco pessoas responderam que também sabem nadar porem do jeito delas, sem nenhuma sistematização de nado, em contra partida, dois disseram que sabem mais ou menos tendo dificuldade para se deslocar, não flutuam sozinho, não submergem com facilidade e não mergulham, outros três negaram saber nadar por falta de acesso a aulas na juventude porem que se sentem bem na água e três responderam que, além de não souberem, apresentam medo ou trauma com o meio liquido. Apenas uma pessoa votou na opção “outro” e não justificou. Perguntamos então se as pessoas de dentro da casa delas são detentoras dos saberes sobre a natação é a maior parcela afirmou dizendo que todas sabem e isso nos alegra muito em saber porque mostra que a nossa pratica está bem difundida.

Sabemos que a piscina ao mesmo tempo em que pode ser vista como um grande instrumento de lazer, também pode apresentar um alto potencial de periculosidade e com isso voltamos aos questionamentos sobre a recreação das crianças e a atenção dos responsáveis, visto que, segundo Szpilman (2019) crianças menores de nove anos afogam mais em piscinas e residências e crianças maiores de dez anos e adultos se afogam mais em águas naturais como rios, represas e praias. Com isso, tivemos que metade dos avaliados disseram ter piscina em casa e a grande maioria de toda a pesquisa respondeu que costumam levar as crianças em clubes e na casa dos avós para a recreação aquática, diante disso todos confirmaram que sempre acompanham os menores nesses ambientes e enfatizam sempre estar de olho mesmo que de longe.

Com tudo, verificamos que o afogamento se posiciona como o principal fator de preocupação entre os pais e familiares das crianças da natação e que uma pequena parcela se restringe em apenas colocá-los a fins de competição. Vimos também que, mesmo que menor que a média das respostas, mas com um peso considerável, os responsáveis não detêm de muitos conhecimentos sobre a pratica da natação o que pode refletir em uma possível resposta em se preocuparem tanto com o aprendizado dos alunos, para que eles consigam ter acesso ao conhecimento que não lhes foi fornecido enquanto jovens e, com isso, prevenir situações de risco, como também, prepará-los para que estejam melhor familiarizados com os possíveis cenários de acidente. Percebemos que a grande dificuldade encontrada durante todo o processo foi transmitir o real cenário de periculosidade posto ali para as crianças e fazer elas perceberem que a complexidade da situação é maior do que o espírito heroico delas em

querer, com pouco esforço, salvar a vida de um indivíduo em afogamento. Durante o processo e com as atividades, sempre aplicadas de forma lúdica de acordo com a idade, conseguimos esclarecer essa real situação e informá-las das atitudes mais viáveis e adequadas para o salvamento de si e de outros dentro da água.

Tivemos uma ótima resposta dos responsáveis em casar as vontades propostas pela academia como as próprias de cada pai, mãe e família para com as crianças. Nenhum se apresentou contra a temática ou a algum exercício, como também, incentivaram as crianças e realmente irem e acatarem os pedidos das professoras e estagiários se desafiando com dinâmicas que trabalhavam próximas a sentimentos de medo, que exercitavam a apropriação dos ensinamentos adquiridos, a tomada de decisão rápida e adequada diante a situação, ao uso de roupas inapropriadas para o nado com objetivo de vivenciar e, por fim, na compreensão de uma temática muito importante que é responsável pela retirada da vida de 15 brasileiros diariamente. (Szpilman, 2023)

Os questionários transmitiram bastante a compreensão das informações dadas durante as aulas e das vontades e expectativas dos responsáveis presentes ali. No questionário para as crianças a pergunta “Você sabe nadar?” e a “Caso veja uma pessoa se afogando, o que você faria primeiro?” que considerávamos dentro dessa pesquisa as perguntas com mais peso tiveram ótimas porcentagens de respostas compatíveis as nossas expectativas, sendo, da primeira questão igual a 75% de respostas afirmativas e na segunda questão 66,7% representando a decisão de maior importância. A redução de 47% na mortalidade por afogamento em 26 anos (1995-2021) aponta caminho acertado na luta contra esta epidemia. (Szpilman, 2023)

Já no dos responsáveis, encaramos as questões “Você tem alguma preocupação com a segurança aquática dele(a)? ” e “Costuma sempre acompanhar, mesmo que de longe, até que ele(a) saia da piscina?” como as mais relevantes para a nossa pesquisa e suas respostas também bateram de frente com as nossas expectativas, sendo da primeira a grande maioria afirmativa e as justificativas se baseavam em querer que seu(a) filho(a) esteja melhor preparado(a) para conseguir se livrar em situações de afogamento, e da segunda todos respondendo que sim e enfatizando que sempre estão de olho. O resultado foi dentro do que esperávamos e concluímos que tivemos grande êxito na nossa pesquisa e na aplicação da nossa intervenção dentro da academia.

7. CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Conclui-se então que a academia contempla com grande êxito as expectativas dos responsáveis das crianças, que buscam o serviço da mesma para prevenir situações de afogamento. A temática da prevenção de mortes por afogamento é, de fato, um ponto incluso no plano de ensino da academia e suas atividades estão previstas com antecedência no cronograma anual. Comprovou-se, através da análise dos questionários, que as estratégias foram bastante eficazes na transmissão do conhecimento, identificando a apropriação dos conteúdos fundamentais da natação e aplicando ao cenário incorporado pela temática da semana.

REFERÊNCIAS

- ARENILLAS,R. **Salvamento y Socorrismo Acuatico**.Madrid, Gymnos,1990.
- CASTILHO, Rubens. **Fases da vida humana**: as 4 etapas e suas divisões. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fases-da-vida/>. Acesso em: 1 ago. 2023
- CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O ensino da natação**. 3.ed. São Paulo: Manole, 1990.
- COLWIN, C. M. **Nadando para o século XXI**. São Paulo: Manole, 2000.
- Dados e análise elaborada com base nos dados do Sistema de Informação em Mortalidade (SIM) tabulados no Tabwin - Ministério da Saúde - DATASUS – 2021. Acesso on-line Julho 2023. <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>, últimos dados disponíveis ano 2022.
- DALLA DÉA, V. H. S. Natação. In: LAZZAROTTI FILHO, A. (Org.) **Licenciatura em Educação Física**: v. 5, Universidade Federal de Goiás, Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR), Goiânia: Gráfica UFG / CIAR UFG, 2014. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/html_projetos/educacao_fisica/anexos/educacao_fisica_vol_5.pdf
- EISENHARDT, K.M. Building theories from case study research. **Academy of Management Review**. New York, 1989, v. 14 n. 4.
- FERNANDES, J. R. P. e COSTA, P. H. L. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.20. n.1, p.5-14, jan./mar. 2006.
- FOX, E.L.& MATHEWS, D. K. **Bases Fisiológicas da Educação Física e dos Desportos**. Rio de Janeiro; Guanabara-Koogan, 1986.
- HALFELD Fº, J. **Manual de Salvamento em Praias**. Rio de Janeiro; Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. 1985
- LIMA WU DE, BORGES G, RASO V. Idade cronológica de acordo com o nível de aprendizagem em natação. **R. bras. Ci e Mov**. 2008; 16(2): 67-73.
- MACHADO, D. C. **Metodologia da natação**. São Paulo: EPU, 1978.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informação Mundial Sobre Afogamento : Prevenção – O primeiro elo da cadeia da sobrevivência**; 2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial realizado em prol da Associação de Prevenção do Afogamento**; 2018.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Dia Mundial de Prevenção de Afogamentos 2023**, 27 de Julho de 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/campanhas/diamundialprevencaoafogamentos2023#:~:text=Os%20afogamentos%20causaram%20mais%20de,de%205%20a%209%20anos.>
- PALMER, M. L. **A Ciência do Ensino da Natação**. São Paulo, Manole, 1990.

PEREIRA, F. M. **Lazer Aquático, Mortes por Afogamento e a Educação Física**. Kinesis, [S. l.], n. 21, 2013. DOI: 10.5902/231654648124. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8124>. Acesso em: 4 jan. 2024.

SZPILMAN, D. **Afogamento** – Boletim epidemiológico no Brasil 2022. Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático SOBRASA - Publicado online em <http://www.sobrasa.org>, julho 2022. Revisado por Profa. Dra. Danielli Mello e Dra Lúcia Eneida Rodrigues Em parceria com DOI: 10.13140/RG.2.2.18472.85768

SZPILMAN, D. **Afogamento** – Boletim epidemiológico no Brasil 2023. Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático SOBRASA - Publicado on-line em <http://www.sobrasa.org>, julho 2023. Revisado por Profa. Dra. Danielli Mello e Dra Lúcia Eneida Rodrigues.

SZPILMAN, D. **Manual de Afogamento ao curso de emergências aquáticas**, 2019. Publicado on-line em www.sobrasa.org, Março de 2019.

SZPILMAN, D. **Suporte básico da vida** – Afogamento. Rio de Janeiro, 2001 (Folheto).

YIN, R. K. Case study research, design and methods (applied social research methods). Thousand Oaks. **Sage Publications**. California, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM 3 PÁGINAS.

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
MONOGRAFIA PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada "A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE MORTES POR AFOGAMENTO". Meu nome é Eduardo Nogueira Silva sou o (a) pesquisador (a) responsável e minha área de atuação é na saúde como estagiário em Educação Física. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail eduardo.sil.nogueira@hotmail.com e, através do(s) seguinte(s) telefone(s): (62) 98420-2958, inclusive com possibilidade de ligação e cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1213, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar como uma escola de natação de Goiânia Goiás tem lidado com a prevenção de mortes por afogamento em sua metodologia. Você receberá um questionário com perguntas abertas e fechadas e para isso deverá reservar um período de dez minutos. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. É importante informar que há riscos das crianças se sentirem cansadas por executar as atividades propostas pela pesquisa, além de que há um potencial emocional onde elas podem sentir medo e assustar com as atividades como, por exemplo, ficarem de olhos fechados próximas a piscina e com o professor empurrando, de forma aleatória, os alunos para caírem na água e executarem os nados previamente ensinados antes da dinâmica. Tais experiências, decorrentes desta pesquisa, são importantes para que a criança vivencie uma simulação de acidente em meio aquático e esteja melhor preparada para se sobressair diante dessa circunstância. Caso haja alguma intercorrência, os estagiários e a coordenação estarão prontos a todo instante para melhor desenvolver a situação, tanto para acalmar o aluno quanto para cuidar de possíveis machucados pois a academia apresenta kits de cuidados da saúde com instrumentos para execução de curativos, higienização e tratamento de enfermidades.

Av. Esperança, s/n - Chácara de Recreio Samambaia, Goiânia - GO, 74690-900
(62) 3521-1000

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
MONOGRAFIA PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta é necessário o seu consentimento faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão.

Podem haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Podem haver também, a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Podem haver necessidade de utilização dos dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados e/ou bio bancos e biorepositórios.
() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados e/ou bio bancos e biorepositórios.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:
Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE MORTES POR AFOGAMENTO". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação Av. Esperança, s/n - Chácara de Recreio Samambaia, Goiânia - GO, 74690-900
(62) 3521-1000

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
MONOGRAFIA PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Eduardo Nogueira Silva sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, _____ de _____ de _____


Assinatura por extenso do(a) participante _____

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável _____

Av. Esperança, s/n - Chácara de Recreio Samambaia, Goiânia - GO, 74690-900
(62) 3521-1000


APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DOS RESPONSÁVEIS EM 2 PÁGINAS.

Nome: _____ Responsável da (a): _____



Segurança Aquática

Questionário destinado aos responsáveis



1 Quais objetivos busca para o seu filho na natação (a) ?

2 Você tem alguma preocupação com a segurança aquática dele (a) ?
Quais ?

3 Conhece alguém que já passou por situações de afogamento ?

não conheço

conheço uma

conheço duas ou mais pessoas

apenas fiquei sabendo, mas não conheço a pessoa

outro, defina:

não desejo informar

4 Você sabe nadar ?


sim, sei os 4 estilos

sim, sei nadar do meu jeito. Consigo me deslocar sozinho ou com aparelho, consigo boiar e submergir quando quero e consigo mergulhar até o fundo


sei mais ou menos, tenho dificuldade para me deslocar, não boio sozinho, não submerjo com facilidade e não mergulho

não, pois nunca fiz aula e não tenho costume mas me sinto bem na água

Eduardo Nogueira Silva; Educação Física - Bacharelado



Segurança Aquática



não, tenho medo ou trauma

outro, defina:

não desejo informar

5 As pessoas que moram com você sabem nadar ?

sim, todas sabem

apenas uma

não, ninguém sabe

outro, defina:

não desejo informar

6 Tem piscina onde moram?

sim, temos piscina

não, não temos piscina



7 Onde costuma levar seu (a) filho (a) para nadar nos momentos de recreação?

8 Costuma sempre acompanhar, mesmo que de longe, até que ele (a) saia da piscina ?

Eduardo Nogueira Silva; Educação Física - Bacharelado

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DAS CRIANÇAS EM 2 PÁGINAS.

Nome: _____ Nivel: _____






Segurança Aquática

Questionário destinado as crianças

- 1 Você sabe nadar ?
 sim, sei
 não
- 2 Sente medo quando fica sem seus pais na piscina ?
 sim, sinto
 não
- 3 Costuma brincar ou correr perto de uma piscina?
 sim
 não
- 4 Na sua casa tem piscina?
 sim
 não
- 5 Na sua escola tem piscina ?
 sim
 não
- 6 Consegue sair pela borda da piscina?
 sim
 não

Eduardo Nogueira Silva; Educação Física - Bacharelado

Segurança Aquática

Questionário destinado as crianças

- 7 Sabe fazer o nado do cachorrinho?
 sim
 não
- 8 Sabe fazer o canguru ?
 sim
 não
- 9 Consegue boiar (estrelinha do céu e/ou estrelinha do mar)?
 sim
 não
- 10 Já nadou com roupa normal sem ser as próprias da natação?
 sim
 não
- 11 Caso veja uma pessoa se afogando, o que vc faria primeiro ?
 pularia na piscina para tentar salvar
 chamaria um salva vidas ou adulto para ajudar a pessoa
 jogaria algo bem pesado para a pessoa
 jogaria algo que boia para a pessoa
 não faria nada

Eduardo Nogueira Silva; Educação Física - Bacharelado

APÊNDICE D - FOTOS DO PRIMEIRO DIA DE AULA DA SEMANA DA SEGURANÇA AQUÁTICA.



Foto 1 -Dinâmica de simulação de águas turbulentas.



Foto 2 - Aula de bebê 1



Foto 3 -Alunos saindo sozinhos pela borda da piscina.



Foto 4 -Explicação da dinâmica de cair com os olhos fechados.



Foto 5 -Competição de estrelinha do céu.



Foto 6 -Alunos escutando explicação da dinâmica.

APÊNDICE E - FOTOS DO SEGUNDO DIA DE AULA DA SEMANA DA SEGURANÇA AQUÁTICA.



Foto 7 - Alunos recebendo as argolas para a dinâmica.



Foto 8 - Alunos realizando dinâmica das argolas.



Foto 9 -Alunos realizando dinâmica das argolas.



Foto 10 -Alunos pedindo licença para responder à pergunta.



Foto 11 -Aluno Guilherme que foi com tênis para vivenciar a aula.